

## CIDADE: LUGAR DE CONTRASTES\*

Fabiana CALDEIRA\*\*

Linha de Pesquisa: Espaço Urbano

Nível: Mestrado

Desde o século XX, o mundo vem passando por uma série de transformações, transformações estas que ganham maior ênfase no período atual. Estamos vivenciando, segundo Santos (2002), a era de uma dupla tirania, a do dinheiro e da informação, onde o motor único que engendra e rege essa realidade está pautado no mercado capitalista de produção, mas especificamente, no caso do nosso país, reina um “capitalismo selvagem”, onde o que impera é cada vez mais a apropriação da mais-valia dos trabalhadores e a gana por lucros astronômicos. Tais atitudes têm acarretado sérios danos ao mundo e aos próprios seres humanos. O que vemos é a devastação do meio ambiente, o crescente empobrecimento da população, e uma pequena minoria detentora do poder e do capital. Tais fatores são verdadeiros atos de violência contra o mundo.

Todavia, para se adentrar em um temário tão complexo e abrangente, fixaremos como foco central de análise, o papel da urbanização e a produção das cidades. Sendo assim, concordamos com as palavras de Smith (1988), “No desenvolvimento desigual, as desigualdades sociais estão estampadas na paisagem geográfica”. E para nós, a cidade tem desempenhado o papel de paisagem geográfica.

---

\* Texto apresentado na prova de Conhecimentos Específicos do processo de seleção para o curso de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado) da FCT/UNESP – Presidente Prudente/SP, realizado em junho de 2004.

\*\* Aluna do Curso de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado) da FCT/UNESP – Presidente Prudente/SP. E-mail: [fabicaldeira@yahoo.com.br](mailto:fabicaldeira@yahoo.com.br). Orientador: Prof. Dr. Raul Borges Guimarães

Primeiramente, torna-se necessário a realização de um breve levantamento histórico-conceitual acerca dos termos **cidade e urbano** dentro do pensamento geográfico brasileiro.

Para Carlos (1994), dentro da perspectiva da Geografia Tradicional, a cidade era vista apenas como organismo funcional, o que importava eram as funções alojadas pela cidade, era o sítio onde se realizariam as atividades econômicas, sociais e religiosas, ou seja, era um mero palco.

Na década de 70, as teses e dissertações defendidas na USP, mostram uma certa mudança no conceito. Assim, para Carlos (1994), a cidade passa de organismo funcional, para representação do trabalho materializado. Agora, a cidade é analisada através das relações sociais e econômicas. É a partir destas relações que a cidade vai sendo construída, por isso ela é o trabalho materializado.

Já o termo **urbano**, é muito mais que o trabalho materializado, as relações sociais e econômicas, o urbano é um modo de sentir, consumir, desejar, ou melhor, o urbano é um modo de vida.

Após esta breve análise, faz-se necessário ainda, para entendermos o quadro caótico da cidade atual, um levantamento histórico sobre o processo de urbanização e a formação das cidades, para que possamos compreender o momento vigente.

As primeiras cidades remontam à Antiguidade, porém, para que estas surgissem, existem alguns fatores de extrema importância, como a produção de um excedente alimentar, gerado através da domesticação das plantas e animais e o domínio de algumas técnicas essenciais ao cultivo. Tal fato dá início a uma divisão social do trabalho. Assim, as pessoas (força de trabalho), que agora não são tão necessárias no campo, vão fundar as primeiras cidades. Essas vão situar-se principalmente as margens dos rios.

Já no período do Império Romano, as cidades desempenham um papel de maior relevância. Desenvolvem-se tomando um ar institucional como cidades. Surgem as primeiras instituições políticas, religiosas e o comércio. No entanto, a cidade era vista como lugar de domínio. Desta forma, Castells apud Sposito (1997),

analisa que neste período a cidade era o local de domínio e gestão, ligada a primazia do aparelho político-administrativo.

Com a derrubada do Império Romano e o advento de um novo modo de produção, ou seja, o feudalismo, as cidades quase que desaparecem por completo. Neste novo sistema, as relações se dão dentro dois feudos, tendo o senhor feudal como “dono” de tudo e de todos, no caso, os seus servos. O sistema econômico se baseia apenas na produção agrícola.

As cidades existentes neste período não possuem um caráter urbano, são as chamadas cidades episcopais e os burgos, que são fortalezas construídas em formas circulares com o objetivo de segurança e proteção. Neste mesmo período, o comércio é impulsionado, as trocas comerciais com o oriente ganham um importante enfoque. Os comerciantes, em suas viagens constantes na busca de vender seus produtos, começam ao longo de suas andanças procurarem os burgos a fim de se protegerem. Com o passar do tempo, mais e mais comerciantes procuram estes locais. No entanto, eles se fixam no entorno dos burgos, formando um novo complexo, que se dava o nome de foris-burgos.

Neste novo complexo, há o surgimento de uma nova classe social, a burguesia, sendo estes os comerciantes que obtiveram uma grande ascensão social e econômica.

É neste novo cenário que as cidades vão ressurgir, ganhando um enfoque muito mais atrelado ao comércio. Nestas cidades se concentrarão os comerciantes, os artesãos, as instituições político-administrativas, religiosas, como também os servos, recém-libertos. Neste sentido, Santos apud Sposito (1997), diz que a cidade neste período possui um “ar revolucionário”, já que nela se concentram os trabalhadores livres, porém, livres também de todos os seus meios produtivos, tendo apenas sua força de trabalho.

A nova classe social, ou seja, a burguesia, em aliança com a nobreza, formam as bases para a tomada do poder e a derrocada do feudalismo.

Nas cidades, outro processo também toma forma, com o crescimento produtivo e populacional, ocorre uma grande mudança.

O sistema artesanal se especializa cada vez mais. Os artesãos já não detêm a produção total, decorrendo disso uma divisão territorial do trabalho. Ocorrendo assim, a passagem do modo de produção artesanal, para a maquinofatura e posteriormente para a manufatura, com a 1ª Revolução Industrial.

Tais fatos são as bases geradoras para o surgimento de um novo modo de produção, o capitalismo, como também o surgimento da industrialização.

O capitalismo e o processo crescente de industrialização geraram um grande crescimento das cidades e uma forte urbanização.

Com o advento da industrialização, esta carecia de mão-de-obra, sendo assim, um grande contingente populacional, principalmente vindo do campo, rumam de encontro às cidades. No entanto, com o passar do tempo, a indústria já não comporta mais tantos trabalhadores, estes por sua vez, formarão um exército de reserva para a indústria, servindo de mão-de-obra barata.

Estes trabalhadores, porém, não retornarão para o campo, ficarão nas cidades, fazendo com que estas cresçam desordenadamente, trazendo a tona os problemas urbanos, tais como: a formação de favelas, os cortiços, o desemprego, a segregação urbana, a violência, a exclusão social, a fome!

A cidade já não comporta este excedente populacional, além de um processo desenfreado industrial, que se dá principalmente nos grandes centros urbanos.

O capitalismo se apropria do espaço urbano visando unicamente o lucro, para ele o negócio é lucrar, não importa como.

Além dos problemas sociais existentes nas cidades, temos ainda uma gama enorme de problemas ambientais, acarretados pela industrialização e a urbanização desenfreada, tais como: poluição do ar, das águas, do solo, carência de áreas verdes, efeito estufa, formação de ilhas de calor, etc. Estes problemas sejam sociais, ou ambientais, dizem respeito a qualidade de vida da população, porém, do nosso ponto de vista, esta qualidade está precária.

Dentro desta perspectiva, a cidade, que antes fora o lugar o lugar revolucionário, é hoje o lugar das contradições e aprisionamento.

A cidade vai sendo construída e apropriada por e para uma ínfima parcela da população, ou seja, os detentores do capital, estes sim tem acesso a cidade, enquanto a grande massa trabalhadora, que vive segregada nas periferias dos grandes centros urbanos, nas favelas e demais tipos de submoradias, fica a margem, sem ter acesso a esta cidade. Estamos vivenciando a era do caos urbano.

Por fim, dentro deste quadro caótico, que é cidade da atualidade, vale nos lembrarmos das palavras de Lucio Kowarick (1979), quando diz:

Para o capital, a cidade e a classe trabalhadora, são tidas como fonte de lucro. Para a classe trabalhadora, a cidade é o mundo onde ele deve procurar desenvolver suas potencialidades coletivas. Entre estes dois existe um mundo de diferenças e um mundo de antagonismos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARLOS, A.F.A. (org.) **Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.
- KOWARICK, L. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.
- SMITH, N. **Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção do espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- SPOSITO, E. S. **Cidade, urbanização, metropolização**. Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1997.
- SPOSITO, M.E.B. **Capitalismo e urbanização**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 1994.